**UM ESTUDO SOBRE A RELAÇÃO PROFESSOR-ALUNO: REFLEXÕES E ENSINO**

Lareska Luanna Rocha de Freitas

Discente do curso de Letras (Língua Portuguesa) – UERN. E-mail: lareska.rocha17@gmail.com

Iasmim Carmem da Silveira

Discente do Curso de Letras (Língua Portuguesa) – UERN. E-mail: [carmemiasmim6@gmail.com](mailto:carmemiasmim6@gmail.com)

Elenice Alves Pereira

Docente do Departamento de Educação (DE), do CAMEAM. Mestranda do Curso de Mestrado Acadêmico em Ensino – CMAE/PPGE/UERN. E-mail: [elenicealves13@hotmail.com](mailto:elenicealves13@hotmail.com)

**Resumo:** Este trabalho é fruto da disciplina de Didática Geral, cursada no segundo período do curso de Letras (Habilitação em Língua Portuguesa e suas respectivas literaturas), do CAMEAM/UERN, e objetiva refletir sobre as dimensões que integram a relação professor-aluno, discutindo as implicações das relações de poder que se manifestam na convivência em sala de aula. Tenciona especificamente analisar a percepção do docente sobre a atual conjuntura das relações mantidas com discente no contexto escolar. É de natureza qualitativa, apoiando-se em uma revisão bibliográfica e em um questionário. Para tanto, solicitamos a resolução do referido questionário a uma pedagoga, professora do 1º ano do Ensino Fundamental I, de uma escola pública de Educação Básica, sediada em um município da região metropolitana de São Paulo. O suporte teórico adotado para atender aos objetivos propostos fundamenta-se nos pressupostos de Freire (1996), Furlani (2004), Libâneo (1994), Morales (2006), Perrenoud (2001) e Piletti (1989). Além disso, verificamos, por meio do *corpus* deste trabalho, que a receptividade dos discentes é um espelho da conduta da professora. Assim, quando tratados com afetividade e tolerância, os educandos ficam abertos aos saberes produzidos durante as aulas. Por fim, entendemos que a concepção da educação enquanto um processo dialógico, no qual, os seus agentes mantêm um canal de comunicação aberto e uma interação pautada na acessibilidade e afetividade, é primordial para um ensino e aprendizagem dos alunos.

**PALAVRAS-CHAVE:** Relação. Professor/Aluno. Ensino-Aprendizagem.

**INTRODUÇÃO**

O ambiente de uma sala de aula é marcado pela presença de dois atores sociais principais: o professor e o aluno. Nesse sentido, para que o processo de ensino-aprendizagem aconteça de forma plena, é essencial que a interação existente entre tais sujeitos se desencadeie de maneira virtuosa, proporcionando um ensino significativo, pautado nas transformações sociais da vida dos educandos.

Desenvolver competências, habilidades e conhecimentos no cenário escolar implica reconhecer a importância de um bom relacionamento entre docente e discente, entendendo que uma relação conflituosa, edificada no desrespeito e na tensão emocional constitui uma das causas da perpetuação de um contexto desfavorável à aprendizagem dos discentes.

Destarte, quando as relações interpessoais não são propícias à realização de uma prática pedagógica exitosa, são grandes as reverberações na motivação estudantil, influenciando, por sua vez, diretamente na assimilação do conteúdo programático e dificultando a efetivação da função formadora da escola, ou seja, a formação de cidadãos conscientes de seus papeis na organização social.

Sob essa ótica, para analisar a atual conjuntura das relações estabelecidas em sala de aula é fundamental considerar o ponto de vista do educador, agente determinante na criação de um clima psicológico benéfico à construção de saberes, bem como sujeito incumbido de iniciar e definir em que termos tal relação se dará.

Dada a influência da interação social na aprendizagem humana e a significância das relações de poder no contexto de uma sala de aula, justificamos a realização deste trabalho. Objetivamos refletir sobre as dimensões que alicerçam a interação professor-aluno, bem como discutir as implicações das relações de poder que se manifestam na convivência entre eles.

Para tanto, solicitamos a resolução de um questionário a uma pedagoga, professora do 1º ano do Ensino Fundamental I, de uma escola pública de Educação Básica, sediada em um município da região metropolitana de São Paulo. A escolha por essa pedagoga se deu por vislumbramos uma oportunidade de analisar a visão de uma docente de um contexto regional diferente da nossa realidade, o que significa, portanto, um contraponto interessante às nossas experiências em sala de aula na região do Alto Oeste Potiguar.

Este trabalho é de natureza qualitativa, apoiando-se em um levantamento bibliográfico. Para a efetivação deste estudo, utilizamos, como instrumento de coleta de dados, um questionário, que foi respondido e enviado por *e-mail* pela docente, abrangendo 05 perguntas abertas, de natureza exploratória. Ao optar pelo questionário como forma de investigação, buscamos compreender e analisar a percepção e as concepções da professora a respeito dos principais desafios, conflitos e perspectivas presentes na relação estabelecida com seus discentes. Por motivos éticos, a referida docente será mencionada neste trabalho como Estrela.

O suporte teórico adotado para atender aos objetivos propostos na análise das amostras se fundamenta em Freire (1996), Furlani (2004), Libâneo (1994), Minayo (1994), Morales (2006), Perrenoud (2001) e Piletti (1989).

Dessa forma, neste estudo, inicialmente, discorreremos sobre os pressupostos que amparam a pesquisa através de uma síntese teórica, que abordará os aspectos cognoscitivos e socioemocionais da interação professor-aluno e os fatores relativos à formação da autoridade e liderança do docente em sala de aula. Na sequência, analisaremos o *corpus* selecionado para a realização da investigação. Ao fim, apresentaremos considerações a respeito dos resultados obtidos na pesquisa.

**DIMENSÃO COGNOSCITIVA DA INTERAÇÃO**

A formação intelectual de um discente requer o desenvolvimento de suas capacidades cognoscitivas. Estas podem ser compreendidas como “energias mentais disponíveis nos indivíduos, ativadas e desenvolvidas no processo de ensino, em estreita relação com os conhecimentos” (LIBÂNEO, 1994, p. 80).

A observação, a interpretação, o raciocínio crítico, a percepção, a expressão verbal, a compreensão, a motivação e a exercitação dos sentidos são alguns exemplos do conjunto de capacidades cognoscitivas a serem fomentadas no ambiente escolar. Elas variam de acordo com as vivências, a idade, a mentalidade e os conhecimentos sistemáticos já assimilados pelos alunos. Contudo, para que tais capacidades aflorem, é necessário reconhecer a relevância da conexão entre o processo de ensino-aprendizagem e os aspectos interacionais inerentes à transmissão-assimilação dos conteúdos por parte do binômio professor-aluno.

Nesse sentido, ao planejar os objetivos da aula, a matéria a ser ensinada, as atividades a serem trabalhadas e os possíveis exercícios a serem utilizados, o educador deve colocar em prática tarefas cognoscitivas que sejam relevantes para a aquisição de informações e conhecimentos sistematizados, baseados em conceitos, princípios e teorias.

Noutros termos, a fim de que essas tarefas sejam resolvidas em consonância com o nível de sua exigência, a apresentação dos objetivos, dos assuntos em estudo e das atividades propostas precisa ser caracterizada por uma linguagem clara, acessível e compreensível. Em vista dessa acepção, Libâneo argumenta que:

Não se espera que haja pleno entendimento entre professor e alunos, mesmo porque a situação pedagógica é condicionada por outros fatores. Mas as formas adequadas de comunicação concorrem positivamente para a interação professor-aluno (LIBÂNEO, 1994, p. 250).

Concomitantemente a este pensar, o docente precisa interagir verbalmente através de questionamentos e instruções que instiguem os educandos a participar das discussões em sala de aula, visando o entendimento das informações difundidas, além do desenvolvimento das capacidades cognoscitivas e, consequentemente, a edificação e consolidação do pensamento crítico e criativo da turma.

Por isso, a experiência no contexto escolar pode e deve ser enriquecida a partir da utilização de perguntas e respostas orais, promovendo um aprofundamento das relações interpessoais estabelecidas em classe. De acordo com Piletti (1989), esse tipo de abordagem, além de suscitar um estudo dos conteúdos, estimula as habilidades de expressão verbal do discente e proporciona uma oportunidade de conhecer melhor sua personalidade, instrução e formação, facilitando, assim, a atividade didática.

As perguntas pressupõem a instauração do diálogo, pois, na medida em que questiona o aluno, o professor tem a chance de escutá-lo e de manter um contado próximo com ele. Em face disso, o papel do discente se transforma: deixa de ser um trivial transmissor de saberes prontos – postura característica das aulas expositivas –, passando a ser um agente capaz de mediar a aprendizagem e motivar a produção de uma convivência fundamentada em um clima de confiança.

Sob esse prisma, Libâneo (1994, p. 250) afirma que:

O trabalho docente nunca é unidirecional. As respostas e as opiniões dos alunos mostram como eles estão reagindo à atuação do professor, às dificuldades que encontram na assimilação dos conhecimentos. Servem também para diagnosticar as causas que dão origem a essas dificuldades.

Assim, esse tipo de exercício gera respostas que funcionam como pistas e indicações do nível de dificuldade demonstrado por uma turma, compondo um instrumento importante para definir quais são as estratégias adequadas para superar os problemas encontrados e alcançar os objetivos estabelecidos. Essa forma de interação também contribui para a concepção de ensino enquanto um processo que se dá de maneira gradual e progressiva, atento às necessidades dos discentes, em contraponto a um ensino mecanizado, apoiado em aprendizagens superficiais e na memorização do conteúdo programático.

Em relação ao ensino-aprendizagem é essencial enfatizar que:

[...] Não podemos subestimar o choque cotidiano das culturas. O professor influencia sim no fracasso escolar: as rejeições, as rupturas na comunicação, os conflitos de valores e as diferenças de costumes contam tanto quanto o eventual elitismo dos conteúdos. (PERRENOUD, 2001, p. 57)

Dessa forma, pensar em um trabalho docente que se preocupe com os aspectos cognoscitivos significa, também, ter ciência sobre em que aspectos os alunos precisam avançar, buscando conhecer o grau de conhecimento de uma turma, bem como se interessar pelas suas individualidades e valores. Além disso, é imperativo conferir relevância a uma comunicação que seja clara e objetiva, dando ênfase às habilidades gestuais, à fluidez na escolha das palavras e à sua velocidade de articulação, mantendo um tom de voz que seja convidativo ao diálogo, sustentáculo de uma boa convivência em sala de aula.

**DIMENSÃO AFETIVA DA INTERAÇÃO**

Embora sejam fundamentais para a realização das atividades escolares e dos objetivos educacionais, as normas e as regras que controlam a classe escolar, resultantes das posições hierárquicas, não são a única dimensão integrante da relação professor-aluno. Os vínculos afetivos firmados também colaboram para a formação de um ambiente oportuno à construção dos saberes.

De acordo com Morales (2006), a maneira como nos sentimos influi diretamente no modo como aprendemos. Tratar essa dimensão emocional com desprezo não traz benefício algum e, ademais, atentar para a relevância do âmbito afetivo dos alunos pode significar um avanço no aprendizado convencional das matérias.

Por conseguinte, a legitimação de um ensino-aprendizagem bem-sucedido demanda esforços do ensinante e do aprendente para desenvolver laços respaldados na receptividade e empatia, em detrimento de uma relação distante e fria, insuficiente para dar subsídios ao progresso de uma turma.

Nesse sentido, Freire (1996, p. 146) salienta:

Como prática estritamente humana jamais pude entender a educação como experiência fria, sem alma, em que os sentimentos e as emoções, os desejos, os sonhos devessem ser reprimidos por uma espécie de ditadura racionalista. Nem tampouco jamais compreendi a prática educativa como uma experiência a que faltasse rigor em que se gera a necessária disciplina intelectual.

Nessa acepção, a compreensão da educação como uma prática estritamente racional não engloba toda a natureza humana dos vínculos entre educador e aprendiz. A convivência em sala de aula proporciona um terreno fértil para o compartilhamento de saberes, vivências, sentimentos, valores e ideais, que influenciam diretamente na forma como os sujeitos se tratam. Ou seja, a educação precisa ser reconhecida como uma ação sobre o outro, como uma maneira de enxergar o próximo e possibilitar a produção conjunta de conhecimentos, considerando a pertinência da afetividade nesse processo.

No entanto, ao conceder relevância às emoções, sentimentos e necessidades dos discentes, o professor não pode esquecer da sua condição de autoridade encarregada de resolver os conflitos e manejar situações problemáticas. Assim, a atuação pedagógica deve orientar os discentes para que respondam à ação docente como seres autônomos, ativos, independentes, cientes de suas responsabilidades e do seu papel na instância escolar. Sua individualidade e liberdade está condicionada pelas exigências do ensino, cabendo ao professor definir o que se espera deles (LIBÂNEO, 1994).

Por isso, é recomendável que o relacionamento professor-aluno seja próximo, acessível, mas absolutamente diferente da natureza de uma relação parental. O educador necessita saber dosar o vínculo afetivo, harmonizando liderança e respeito. Para tanto, é imprescindível estipular e comunicar quais são os limites, os direitos, bem como os deveres dos alunos.

**AUTORIDADE E DISCIPLINA DENTRO DA SALA DE AULA**

A sala de aula representa um espaço no qual as relações de poder possuem uma função crucial em sua dinâmica organizacional, constituindo, assim, um meio político. É adequado, então, compreender esse universo político partindo da análise das dimensões da vida social de uma classe escolar.

Segundo French & Raven (1969 *apud* FURLANI, 2004), o poder seria a capacidade de um agente produzir certos efeitos, que, por sua vez, são o resultado de uma relação social entre indivíduos, grupos ou organizações, em que uma das partes exerce influência sobre a outra. Ele também pode ser visto como grau de controle exercido ou o grau da obediência manifestada.

Dentro dessa perspectiva, Furlani (2004, p. 18) admite que:

O poder não é, portanto, algo estranho ao corpo social, nem algo que se opõe sempre ao indivíduo. Este é o nome atribuído ao conjunto de relações que funcionam na espessura do corpo social. Por isso, o poder não é uma função qualquer na sociedade. A expressão *Dominus originarius*, já utilizada por Kant, referia-se ao poder como aquilo que cria os cidadãos, menos do que os domina.

Regras e normas são, portanto, ferramentas indispensáveis ao funcionamento salutar de uma escola. No entanto, visando o estabelecimento da ordem e da disciplina, infelizmente, muitos docentes apelam para uma postura autoritária e intransigente.

Ao se apresentar com superioridade, fazendo exigências indevidas e subjugando o aprendente, o docente “[...] não exerce a autoridade a serviço do desenvolvimento da autonomia e independência dos alunos. Transforma uma qualidade inerente à condição do profissional professor numa atitude personalista” (LIBÂNEO, 1994, p. 252).

Cabe ressaltar que a autoridade do professor não é legitimada tão-somente por meio da dominação e da coerção, mas sobretudo através de sua competência profissional (domínio dos conteúdos, dos métodos e dos procedimentos de ensino; formas de avaliação e controle dos discentes; capacidade de autoavaliação), moral (dedicação, sensibilidade, senso de justiça e traços de caráter) e de sua habilidade no processo de transmissão-assimilação dos conhecimentos, bem como na mediação de conflitos (LIBÂNEO, 1994).

Por conseguinte, o educador não precisa recorrer a meios impetuosos e repressivos para exercer poder sobre um aluno. Fazer uso da força, do medo e da chantagem emocional, por exemplo, faz com que o professor transforme a sua condição de autoridade respeitada na condição de autoridade temida. Ele deve, assim, alicerçar sua liderança, ascensão e influência na construção de uma relação com a turma assentada no respeito, diálogo e flexibilidade, pressupondo a importância de um comportamento docente que seja um exemplo de ética, responsabilidade e discernimento.

**RESULTADOS E DISCUSSÕES**

Através das perguntas abertas do questionário utilizado, nosso intuito era entender um pouco sobre as experiências, práticas e concepções de ensino-aprendizagem de Estrela, bem como identificar se a sua relação com os alunos tem se desenvolvido por meio da receptividade, afetividade e diálogo contínuo.

Partindo das informações cedidas por Estrela, observamos que existem muitos obstáculos e problemas na rotina de uma sala de aula, dentre eles, a ausência de respeito à autoridade do professor. De acordo com a referida docente:

Uma parte considerável dos alunos demonstra falta de consideração pela figura do educador. Nesse caso, a afetividade e o respeito partem apenas do professor. Entretanto, também existem alunos que através do desenvolvimento de vínculos afetivos nas relações presentes em classe conseguem melhorar seu comportamento e avançar na aprendizagem (ESTRELA, 2018).

Dessa forma, é possível verificar a presença de conflitos na relação entre Estrela e seus alunos. Alguns educandos resistem à ideia de se submeter a hierarquia de uma sala de aula, comprometendo o bom funcionamento da dinâmica da turma e, consequentemente, a prática pedagógica. Todavia, quando são receptivos a uma interação afetiva e acessível, apresentam um progresso em sua conduta e na assimilação dos saberes. Inferimos, através da resposta de Estrela, que a receptividade dos discentes se espelha da conduta da professora. Quando tratados com afetividade e tolerância, ficam abertos aos saberes que são produzidos durante as aulas.

Sobre a importância da dimensão afetiva na interação professor-aluno, Estrela afirma que: “A afetividade é extremamente relevante na construção do conhecimento. Para despertar as potencialidades e competências de cada estudante, a professora deve buscar ter um relacionamento saudável, próximo e afetivo com os alunos” (ESTRELA, 2018).

Nesse sentido, notamos que Estrela possui uma opinião alinhada ao pensamento de Libâneo (1994), compreendendo as relações entre professores e alunos, as formas de comunicação, os aspectos afetivos e emocionais e a dinâmica das manifestações na sala de aula enquanto partes constitutivas das condições organizativas do trabalho docente. Assim, ao valorizar o tratamento afetivo e uma relação acessível com seus alunos, a professora fomenta a formação de um ensino centrado na receptividade, sensibilidade, abertura e transigência.

Quanto aos procedimentos necessários para exercer a autoridade docente, Estrela responde:

Busco tornar explícito quais são os limites presentes na realidade escolar e quais são as obrigações dos educandos. É de extrema importância fazer com que a turma perceba que eu sou é a autoridade máxima e que devo ser respeitada por isso. Quando esses procedimentos são colocados em prática, percebo que a turma se comporta de maneira mais disciplinada, fazendo com que relacionamento entre nós seja beneficiado. Porém, procuro exercer a minha autoridade sem me apoiar em uma postura muito rígida e intolerante (ESTRELA, 2018).

Assim, tendo em vista o relato de Estrela, percebemos que a professora trata de não confundir a autoridade com o autoritarismo. Ao possui tal discernimento, Estrela demonstra ter consciência de que agir de maneira autoritária não é algo coerente a se fazer, pois não garante que a disciplina escolar será alcançada e, portanto, que os limites e direitos estipulados sejam respeitados. Crianças que apenas obedecem por temerem castigos e repressões não internalizam valores que as tornarão seguras, independentes e capazes.

Sabendo da multiplicidade de personalidades, histórias de vida, opiniões e perfis intelectuais presentes na escola, Estrela considera que:

O professor precisa ter um olhar sensível, direcionado às individualidades dos alunos, buscando potencializar as suas habilidades e desenvolver a sua capacidade de raciocínio crítico e cognitivo. As diferenças devem ser valorizadas, e não tratadas como algo negativo. Respeitar as individualidades é essencial para motivar os alunos. Mas isso não é fácil, exige empenho e dedicação de mim enquanto professora (ESTRELA, 2018).

Diante disso, observamos que Estrela compreende a sala de aula como um espaço de convivência entre seres humanos de diversas culturas e especificidades, no qual cada aluno constitui um universo repleto de possibilidades e idiossincrasias, cuja influência não pode ser desprezada na construção de um ensino-aprendizagem de qualidade.

Desse modo, apesar das dificuldades características desse tipo de aproximação, faz-se necessário ter respeito às diferenças, ao direito dos discentes de se expressarem livremente, de serem ouvidos e de encontrarem o seu próprio lugar no mundo, independentemente de quais forem as suas competências escolares ou sua origem cultural (PERRENOUD, 2001).

Em relação a concepção sobre as funções do docente e do discente no contexto de uma classe escolar, Estrela relata:

O papel do professor é estimular o desenvolvimento das habilidades e conhecimentos dos alunos, ajudando a transformá-lo em um indivíduo questionador e perspicaz. O papel do aluno é buscar assimilar os saberes transmitidos e produzidos na sala de aula, respeitando o professor, os colegas de turma e todas as normas que controlam esse ambiente (ESTRELA, 2018).

Podemos perceber, então, que Estrela compreende a atuação docente como uma ferramenta elementar para a difusão/construção do conhecimento, sendo fundamental na formação de sujeitos críticos, observadores, interessados na evolução de suas competências e sabedorias. Tal forma de pensar é assertiva, uma vez que cabe ao docente ser mais do que um simples informador dos conteúdos completos, acabados.

Contudo, em relação ao papel do discente, é primordial salientar que ele não pode ser concebido como um mero espectador passivo das aulas e reprodutor das informações transmitidas. Acreditamos que um bom aluno não é caracterizado somente por obedecer aos limites e às regras impostas, posto que se trata apenas de sua obrigação. O educando também precisa participar ativamente das discussões em sala, proporcionando, dessa forma, uma construção conjunta dos conhecimentos.

**CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Professores e alunos são seres plurais, que atuam um sobre o outro no espaço escolar. As peculiaridades de seu relacionamento afetam o processo de ensino-aprendizagem como um todo e, por isso, é essencial esmiuçar a natureza da conexão estabelecida entre tais sujeitos.

Ser professor exige muito mais do que o giz, a lousa, a transmissão de conhecimentos como verdade absoluta, ou seja, a mecanização da atividade pedagógica. Longe disso, o educador deve compreender que as suas atitudes são decisivas na qualidade de sua relação com os educandos, pois estes podem apresentar um comportamento reativo, reagindo às ações do professor. Então, se o docente demonstra ser aberto e acessível, maiores são as chances de receber em troca confiança, respeito e cordialidade por parte dos discentes.

Destarte, conceber a educação como um processo dialógico, no qual os seus atores principais (ensinante e aprendiz) mantêm um canal de comunicação livre, uma interação pautada na receptividade e afetividade, além de um constante intercâmbio de informações e experiências, é determinante para uma formação escolar democrática a serviço da construção de sujeitos reflexivos e competentes.

Por fim, enfatizamos a relevância de nosso estudo, dado que, ao exteriorizar o ponto de vista do professor sobre a dinâmica das interações em sala de aula, reafirma a importância de reconhecer as capacidades cognoscitivas, da dimensão afetiva e das relações de poder coexistente entre docente e discente, como fatores que influenciam de modo direto na prática educativa e no processo de ensino-aprendizagem. Assim, através da percepção da professora, foi possível visualizar a influência que o estabelecimento e manutenção de uma relação fundamentada em bases harmoniosas e afetivas entre aquele que ensina e o que aprende, em uma relação dialógica, pode ser um fator determinante para a melhoria da aprendizagem, contribuindo de maneira significativa para a construção do conhecimento.

**REFERÊNCIAS**

FREIRE, Paulo**. Pedagogia da autonomia**: Saberes necessários à pratica educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FURLANI, Lúcia Maria Teixeira. **Autoridade do professor**: meta, mito ou nada disso? 8. ed. São Paulo: Cortez, 2004.

LIBÂNEO, José Carlos. **Didática**. São Paulo: Cortez, 1994.

MORALES, Pedro. **A relação professor-aluno:** o que é, como se faz. São Paulo: Edições Loyola, 2006.

PERRENOUD, Philippe. **A pedagogia na escola das diferenças**: fragmentos de uma sociologia do fracasso. 2. ed. Porto Alegre: ArtMed Ed., 2001.

PILETTI, Claudino. **Didática Geral**. São Paulo: Ática, 1989.